

## INSANIDADE E LUCIDEZ NA CONCEPÇÃO DO HUMANITISMO

### Fundamentos do sistema de Humanitas

A compreensão da finalidade que Machado de Assis empresta à loucura, particularmente em *Memórias póstumas de Brás Cubas* e em *Quincas Borba*, transita pela concepção da teoria de Humanitas, sistema filosófico mediante o qual a personagem Quincas Borba tenta explicar, racionalmente, a razão e o sentido da vida. Enunciado por um louco ou um *clown* que se reveste de várias faces, o sistema de Humanitas se estabelece pela absorção de textos e de discursos múltiplos, exigindo que a seqüência horizontal de sua leitura seja preenchida pela recuperação das incisões verticais que revelam a sobreposição de enunciados. Essa recuperação não constrói, porém, uma teoria cujas variadas fontes sejam paralelas, tampouco convergentes: o antagonismo que emerge das inúmeras proposições faz com que essas afirmem e neguem, construam e anulem aspectos do próprio sistema, comprovando o paralelismo entre a teoria de Humanitas e a caracterização de seu idealizador. Daí emerge a intencionalidade de Machado ao conceber sua "ontologia do abandono".<sup>1</sup>

Quincas Borba é apresentado como náufrago da existência, mendigo, rico herdeiro, filósofo, louco, expondo, ao longo dos dois romances, uma multiplicidade de prismas, em que um se oblitera pela maior incidência de luz sobre o outro, ainda que a figura do mentor de Humanitas seja resultante da soma desses traços. A caracterização da personagem estabelece, assim, a identidade entre o agente e seu discurso, pois também nesse último se agregam inúmeras facetas e se unem posições contrárias sob uma composição aparentemente coesa, instalando-se um jogo de máscaras de cuja revelação o leitor participa.

O discurso de Quincas Borba recupera a estrutura formal do pensamento aristotélico-tomista, já que tem por base uma argumentação instituída sob os princípios da indução lógica, de que resulta um número limitado de axiomas e cuja comprovação é sustentada pela recorrência à realidade empírica. Entretanto, como organiza seu discurso

---

<sup>1</sup> SENNA, Marta de. *O olhar oblíquo do bruxo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. p. 63.

a partir do *topos* da loucura, o filósofo elege o paradoxo como centro dinamizador, negando, portanto, a *doxa* e, por extensão, o bom senso e o senso comum. Em decorrência disso, a formalização da teoria impele para a duplicidade de sentidos, para o imprevisível, a que se acrescenta a pluralidade de pontos de vista, uma vez que é o resultado do diálogo com diferentes formas de sistematização do pensamento, as quais ela assimila, transforma, transgride. O Humanitismo expõe-se, assim, como uma charge<sup>2</sup> do discurso filosófico, uma vez que o mimetiza com o objetivo de denunciar, através do escárnio, a configuração delirante de idéias, a ausência de lucidez dos arrazoados teóricos e da práxis de uma época.

Portanto, embora se fundamente no múltiplo e no vário e seja perpassada pela ambigüidade, a filosofia de Quincas Borba expõe os princípios de sua construção e a finalidade que a sustenta: ela se estrutura a partir da decodificação de elementos representativos do real e dos discursos que o instituem; ela visa denunciar a realidade, cuja face paradoxal Humanitas desenha através de um discurso também paradoxal. O Humanitismo se mostra, pois, por um lado, como uma apologia do real e de suas sistematizações; por outro, como arma de acusação que se volta contra a capacidade que a sistematização do real detém de anular os elementos múltiplos e contraditórios que o compõem, para dar-lhe uma superfície lisa e plana.

A concepção plurívoca e contraditória do discurso, enunciado pelo delirante Quincas Borba, permite afirmar que Machado de Assis concebe a personagem e sua filosofia para expor o sarcasmo com que visualiza concepções religiosas, filosóficas, científicas que circulam no final do século XIX no Brasil, embora muitas delas tenham origem nos primórdios da cultura ocidental. Justifica-se, sob essa perspectiva, o motivo que leva Machado de Assis a instituir a filosofia do Humanitismo através da palavra do louco-lúcido: somente o discurso do desvario é capaz de absorver a multiplicidade de aspectos da realidade e construir uma aparente unicidade discursiva, que, todavia, analisada em suas bases, é sempre movente e sempre outra. Com efeito, a filosofia de Quincas Borba assume a face da loucura, porque, como esta impregna a realidade, aquela – a filosofia – só consegue alcançar o real através do não-senso. Cabe, pois, ao

---

<sup>2</sup> Utiliza-se o termo "charge" a partir da denominação estabelecida por Gérard Genette (1982), que assim define os textos que estabelecem uma relação de imitação estilística com outros com o intuito de satirizá-los. Ver GENETTE, Gérard. *Palimpsestes: la littérature au second degré*. Paris: Seuil, 1982.

discurso desvairado dupla finalidade: reorganizar a compreensão do real e desmistificar as teorias que pretendem sistematizá-lo.

Portanto, filosofia e loucura, razão e delírio coexistem e se interpenetram, quer no real, quer em suas representações, o que pode ser depreendido da teoria do Humanitismo: aí, sob a frágil consistência dos argumentos logicamente construídos, vislumbra-se a loucura; sob o riso agônico da loucura, subleva-se o sem-sentido da razão, trazendo à tona o *Elogio* de Erasmo: "Sois todos muito sábios, uma vez que, a meu ver, loucura é o mesmo que sabedoria".<sup>3</sup> Entretanto, a aceitação desse paradoxo permitiria que a incoerência da teorização do louco-filósofo assumisse forma coerente, que o múltiplo se tornasse único, que o complexo se tornasse simples, não fossem as inúmeras rupturas que permitem compreender que a cidadela discursiva de Quincas Borba é continuamente solapada pelo acréscimo de outros textos, que se insurgem contra a aparente harmonização de suas significações.

Conseqüentemente, examinando-se a teoria de Humanitas, através da explanação de Quincas Borba, percebe-se a insurgência de enunciados que, por sua insubordinação, abrem brechas na textura do discurso do filósofo. Como se colocadas em confronto, embatem-se proposições, ora dominadas por uma linearidade que fingem assumir, ora salientadas pela verticalidade que as subverte. Resulta daí que a teoria precisa ser lida a partir de dois movimentos: um deles obedece à horizontalidade do texto e reconstitui a seqüência fundamentada no raciocínio lógico/ilógico do louco lúcido; o outro movimento rende-se às incisões verticais e reconhece que a seqüência é interrompida pelos espaços de uma rede. Esses espaços propõem a releitura e a absorção de textos alheios, nos quais Humanitas situa sua origem e aos quais pretende atualizar. Seguindo ambos os movimentos, o da circulação horizontal e o da circulação vertical, estabelece-se o intertexto<sup>4</sup> da filosofia de Quincas Borba, que se perfaz na duplicação e na sobreposição de enunciados paralelos, cujo antagonismo afirma e nega, constrói e anula o sentido das proposições, tornando intrínseca à teoria a profunda contradição humana.

---

<sup>3</sup> ERASMO de Roterdã. *Elogio da Loucura*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979. p. 36.

<sup>4</sup> Entende-se "intertexto" como um texto que absorve uma multiplicidade de textos. Embora realize a concentração de sentido, recusa a limitação de espaço. Para ele, as barreiras formais inexistem, uma vez que luta por anulá-las, pois "basta uma alusão para introduzir no texto centralizador um sentido, uma representação, uma história, um conjunto ideológico, sem ser preciso falá-los." (JENNY, Laurent. A estratégia da forma. In: \_\_\_\_\_ et al. *Intertextualidades*: revista de teoria e análise literárias. Coimbra: Almedina, 1979. p. 22.)

## Recuperação da pluralidade

Tendo a contradição por fundamento, Humanitas atualiza e desvirtua pressupostos religiosos, científicos, morais e filosóficos, constituindo uma arena onde eles se confrontam. A recontextualização de pontos de vista de áreas díspares e divergentes entre si transforma a teorização do louco-lúcido em uma imitação satírica do discurso filosófico, pois os enunciados de outros discursos são submetidos à especificidade semântica e ao valor pragmático da ironia. Todavia, para apreender essa orientação marcada pela bivocalidade, é necessário que a leitura persiga as menções plurais do discurso de Humanitas. Entre elas, destacam-se, aqui, as que se referem à teologia cristã, à filosofia de Augusto Comte e à teoria das espécies de Darwin.

A relação com a teologia cristã é estabelecida explicitamente na carta que Quincas Borba envia ao discípulo Rubião, afirmando ser Santo Agostinho: "Quem sou eu, Rubião? Sou Santo Agostinho".<sup>5</sup> Com a descoberta, Quincas Borba não só estabelece a semelhança de suas condições pessoais com as de Santo Agostinho, mas também procede a uma articulação, em contrapelo, de sua teoria com o pensamento agostiniano. Segundo Quincas Borba, a heresia, a crença, o roubo, a dedicação de suas genitoras são elementos comuns a sua biografia e à de Santo Agostinho e adequados para configurar a identidade entre ambos sem, todavia, deixar de ressaltar a diferença entre seus pontos de vista teológicos. Assim, enquanto Santo Agostinho afirma "Procurei o que era a maldade e não encontrei uma substância, mas sim uma perversão da vontade desviada da substância suprema",<sup>6</sup> Quincas Borba enfatiza a negação da existência do mal – "pois que o mal nem mesmo existe" –,<sup>7</sup> assinalando a diferença entre sua doutrina e a do doutor da Igreja.

Cabe ao discípulo de Quincas Borba, Rubião, retomar a menção da identidade, expressa na carta, e sugerir ao leitor a ampliação das correlações com o pensamento cristão:

(...) Rubião leu novamente a carta, e a hipótese da troça pareceu outra vez mais verossímil. Concordou que ele tinha graça; com certeza, quis debicá-lo; foi a Santo Agostinho, como iria a Santo Ambrósio ou a

---

5 ASSIS, Machado de. "Quincas Borba". In: \_\_\_\_\_. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986. v. 1, p. 651.

6 SANTO AGOSTINHO. *Confissões* (Coleção Os pensadores). São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 120.

7 ASSIS, Machado de. "Quincas Borba", cit., p. 652.

Santo Hilário, e escreveu uma carta enigmática, para confundi-lo, até voltar e rir-se do logro.<sup>8</sup>

O último pronunciamento direto do filósofo, que Rubião afirma ser "uma carta enigmática", amplia, por sugestão do incauto mineiro, sua rede de relações discursivas, oferecendo-se como um ponto de partida para a compreensão do Humanitismo: Santo Agostinho, sistematizador da doutrina cristã, Santo Ambrósio, pregador e pastor de almas, Santo Hilário, autor do tratado *Sobre a Trindade*, – todos bispos da Igreja Latina – têm em comum a concepção doutrinária e preocupam-se com a salvação da humanidade, a partir do desvendamento e compreensão do mistério divino. Em contraposição, Quincas Borba pretende desvendar o mistério humano e não deixa sem resposta interrogações essenciais do homem, como as que tratam de sua identidade e do sentido inerente à morte e à dor, enquanto sua preocupação única é Humanitas.

Santo Agostinho e Quincas Borba propagam que a filosofia não é unicamente uma disciplina teórica, apta a evidenciar problemas relativos à estrutura do universo físico ou à natureza do divino, mas, sobretudo, uma indagação sobre a condição humana. Para o primeiro, a filosofia é o caminho para alcançar a beatitude; para o segundo, é a forma de integração plena à substância original, que é Humanitas; para ambos, é o meio para alcançar a felicidade. O bispo de Hipona quer conciliar as relações entre a razão e a fé, entre o que se sabe pela convicção interior e o que se demonstra racionalmente, entre a religiosidade cristã e a filosofia pagã. Quincas Borba procura demonstrar, através da argumentação lógica, a existência de formas fixas e de leis genéricas que podem ser aplicadas à realidade complexa e difícil, impregnando sua argumentação com pontos de vista subjetivos. Ele concilia racionalização e convicção pessoal, filiando-as ao domínio da religião, da filosofia e da ciência de sua época, sem esquecer a parte "galante" dos mitos pagãos.

Com efeito, Santo Agostinho sistematiza uma concepção do mundo, do homem e de Deus, transformando-a na doutrina fundamental da Igreja Católica; Quincas Borba sistematiza uma concepção do mundo e do homem da qual Deus está alijado, porque substituído pelo próprio homem, fazendo dela a base da doutrina de Humanitas. Portanto, o que a Rubião parece um enigma jocoso, constitui um indício revelador da intencionalidade de Machado de Assis que é recuperada por intermédio das associações

---

<sup>8</sup> Ibid., p. 653.

permitidas ao jogo da circularidade, "em que o uso intertextual dos discursos corresponde sempre a uma evocação crítica, lúdica e exploradora."<sup>9</sup>

A convergência entre a filosofia de Humanitas e o universo teológico do catolicismo é sublinhada ainda em outra passagem. Interrogado por Rubião, Quincas Borba procede à explanação de sua teoria, antecedendo-a por um convite: "— Queres ser meu discípulo?"<sup>10</sup> A pergunta reproduz as palavras de Cristo ao congregar seus seguidores, enquanto a explicação da teoria recupera o ensinamento fundamental da Igreja mediante o qual é explicitada a concepção de Deus, o que se torna evidente na resposta formulada por Quincas Borba:

– Humanitas é o princípio. Há nas cousas todas certa substância recôndita e idêntica, um princípio único, universal, eterno, comum, indivisível e indestrutível, – ou, para usar a linguagem do grande Camões:

Uma verdade que nas cousas anda,  
Que mora no visível e invisível.<sup>11</sup>

A similitude expõe-se, de forma evidente, quando são contrapostas as explicações do idealizador do Humanitismo às do teólogo cristão. Substituída a palavra Humanitas por Deus, concebido na doutrina cristã como princípio de todas as coisas, substância universal, verdade total e plena, chega-se à definição de Santo Agostinho, para quem somente o termo *essentia* é capaz de definir o ser supremo. Segundo ele, todas as demais coisas não têm propriamente essência, pois, sendo mutáveis, são a reunião do ser e do não-ser. Somente da noção de unidade, implícita a Deus, decorre ser ele eterno, imóvel, indivisível e imutável: Deus é a plenitude do ser, a perfeição máxima e o bem absoluto.

Porém, mesmo existindo a similitude entre ambas as explicações, a diferença se impõe, visto que Quincas Borba transfigura a conceituação do ser divino, quando lhe sobrepõe o princípio da universalidade radicado no homem: "Pois essa substância ou verdade, esse princípio indestrutível é que é Humanitas. Assim lhe chamo, porque resume o universo, e o universo é o homem".<sup>12</sup> Portanto, mais uma vez, a semelhança se subordina à diferença, porque a concepção doutrinária fundamental do cristianismo se

---

<sup>9</sup> JENNY, Laurent. A estratégia da forma. In: \_\_\_\_\_ et al. *Intertextualidades*: revista de teoria e análise literárias, cit., p. 36.

<sup>10</sup> ASSIS, Machado de. "Quincas Borba", cit., p. 648.

<sup>11</sup> *Ibid.*, p.648.

<sup>12</sup> *Ibid.*, p. 648.

opõe à do Humanitismo: os termos Deus e Humanitas não recobrem uma mesma e única identidade, ainda que seus predicados afirmem a semelhança existente entre eles.

Por sua vez, o homem, compreendido como substância, estabelece a relação com o Positivismo de Augusto Comte, para quem "o conjunto de concepções positivas condensa-se na noção única de um ente imenso e eterno, a humanidade".<sup>13</sup> "O próprio nome Humanitismo, com sua concepção de Humanitas, lembra imediatamente a Religião de Humanidade de Comte e a hipóstase de uma humanidade em si, acima dos homens".<sup>14</sup> O elo semântico reforça-se na medida em que ambos, Humanitismo e Positivismo, são não apenas um sistema filosófico e político, mas, sobretudo, uma religião que visa substituir todas as demais, especialmente o Cristianismo.

Eu trato de anexar à minha filosofia uma parte dogmática e litúrgica. O Humanitismo há de ser também uma religião, a do futuro, a única verdadeira. O Cristianismo é bom para as mulheres e mendigos, e as outras religiões não valem mais do que essa: orçam todas pela mesma vulgaridade ou fraqueza.<sup>15</sup>

Se Quincas Borba repudia o Cristianismo, Comte assume posição semelhante ao reprovar todas as crenças monotéicas. Ele as compara à crença positivista, que seria a síntese relativa e altruísta, oposta à síntese absoluta e egoísta das primeiras, e afirma que a "concepção da humanidade condensa o dogma da religião universal, o qual consiste na filosofia positiva".<sup>16</sup>

A articulação da filosofia à práxis social como forma de estruturação política é enfatizada pelo mestre francês, cujo posicionamento é categórico: "O positivismo se compõe essencialmente duma filosofia e duma política, necessariamente inseparáveis, uma constituindo a base, a outra a meta dum mesmo sistema universal".<sup>17</sup> Também aqui, a semelhança se revela, sendo assinalada por Brás Cubas em seu relato *pós-mortem*, quando narra que

---

<sup>13</sup> COMTE, Auguste. *Catecismo positivista*. (Coleção Os pensadores). São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 145.

<sup>14</sup> CÂMARA JÚNIOR, J. Mattoso. *Ensaio machadiano: língua e estilo*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1962. p. 99.

<sup>15</sup> ASSIS, Machado de: "Memórias póstumas de Brás Cubas". In: \_\_\_\_\_. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986. v. 1, p. 637.

<sup>16</sup> COMTE, Auguste. *Catecismo positivista*. (Coleção Os pensadores). São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 150.

<sup>17</sup> COMTE, Auguste. *Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo*. (Coleção Os pensadores). São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 97.

Quincas Borba leu-me daí a dias a sua grande obra. Eram quatro volumes manuscritos, de cem páginas cada um, com letra miúda e citações latinas. O último volume compunha-se de um tratado político, fundado no Humanitismo; era talvez a parte mais enfadonha do sistema, posto que concebida com um formidável rigor de lógica.<sup>18</sup>

Constata-se, pois, que, elidindo-se uns aos outros, cruzam-se, sob a palavra do filósofo Quincas Borba, os discursos dogmatizados do Cristianismo e do Positivismo (acrescidos do Humanismo pagão), situados como elementos antagônicos e complementares quanto a si próprios e ao discurso que constituem. Entre eles se estabelece uma relação de continuidade, de assimilação e de transgressão: Santo Agostinho retoma concepções pagãs, particularmente a teoria das idéias de Platão; Augusto Comte encontra em Santo Agostinho o "mais sublime dos místicos", porque preparava, a seu modo, a máxima moral do Positivismo: "Viver para outrem";<sup>19</sup> Humanitas, por sua vez, deixa-se permeabilizar por esses diferentes posicionamentos, compondo uma síntese antinômica de idéias. Destronando Deus e entronizando o Homem, procede à descaracterização da *essentia*, tal como concebida por Santo Agostinho, para introduzir um novo ídolo, que calca o mundo com pés de barro.

A imbricação de conceitos, ou melhor, a superposição de textos, verifica-se também quando são analisadas as diferentes fases de Humanitas, assim constituídas: "a estática, anterior a toda criação; a expansiva, começo das coisas; a dispersiva, aparecimento do homem" e "a contrativa, absorção do homem e das coisas".<sup>20</sup> Identificam-se, aqui, a narração do *Gênesis*, em que o processo de criação se concretiza em momentos sucessivos, bem como as diferentes etapas que, segundo Comte, representam a evolução do homem até chegar ao estágio final, em que, por um processo de assimilação plena, as palavras síntese e religião se tornam sinônimas.

O princípio da evolução, proposto pelas ciências biológicas e referendado por Comte, está, portanto, expresso na divisão das diferentes fases do Humanitismo e é evidenciado na afirmação: "A evolução, porém, é tão profunda, que mal se lhe podem assinar alguns milhares de anos".<sup>21</sup> Assim, se "estática" e "dinâmica" constituem para Comte as categorias fundamentais para o estudo de todo ser vivo, sendo os princípios

---

<sup>18</sup> ASSIS, Machado de: "Memórias póstumas de Brás Cubas", cit., p. 616.

<sup>19</sup> COMTE, Auguste. *Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo*. (Coleção Os pensadores). São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 142.

<sup>20</sup> ASSIS, Machado de: "Memórias póstumas de Brás Cubas", cit., p. 614.

<sup>21</sup> *Ibid.*, p. 616.

sob os quais funda a Ciência Social, Humanitas adota a mesma concepção, realizando-se da imobilidade ao movimento, para chegar da desagregação à síntese. Essa, porém, confirma-se não como absorção do homem e das coisas, mas como absorção do mais fraco pelo mais forte, igualando-se, em importância, a morte da avó do filósofo, de um rato, de um cão, ou de um poeta, uma vez que servem para preservar o princípio da vida que é Humanitas:

– Não há morte. O encontro de duas expansões, ou a expansão de duas formas, pode determinar a supressão de uma delas; mas, rigorosamente, não há morte, há vida, porque a supressão de uma é a condição da sobrevivência da outra, e a destruição não atinge o princípio universal comum.<sup>22</sup>

Sob essa perspectiva, constata-se que o texto darwiniano também é recuperado por Quincas Borba, não como objeto de agressão, mas de sedução, pois espelha os fatos da natureza.<sup>23</sup> Assim, o filósofo já não sobre põe um texto a outro texto, mas retoma o ciclo evolutivo e seletivo da vida, em que, ignoradas as características distintivas homem/animal e desprezadas as concepções morais e éticas, salienta-se a condição instintiva do homem, ainda "humano, demasiado humano".<sup>24</sup> Logo, a teoria darwiniana se faz presente no Humanitismo, porque aos olhos do homem ensandecido – ou daquele que nada vê, porque tudo vê –, ela tem os mesmos contornos da configuração do real. Conseqüentemente, ao transpor as descrições objetivas do biólogo para seu sistema, Quincas Borba apresenta-as como um duplo recurso de agressão: por um lado, elas desmistificam teorias utópicas que são alheias à práxis social; por outro, elas denunciam essa mesma práxis, em que as exigências da natureza se sobrelevam aos preceitos implícitos à conceituação de humanidade.

O que constituem a metafísica, a moral, a religião e a ciência, senão embustes para empanar a verdadeira condição do homem? – parece perguntar Quincas Borba. Anuladas essas diferentes formas de mentira, usadas para triunfar sobre a realidade de um mundo falso, contraditório e cruel, resta a Quincas Borba declarar a fórmula-síntese de sua própria teoria: "ao vencedor as batatas", ao "vencido, ódio ou compaixão"<sup>25</sup> e a

---

<sup>22</sup> ASSIS, Machado de. "Quincas Borba", cit., p. 648.

<sup>23</sup> "E tudo concorre para fixar no romance a luta surda de conservação, travada em torno do dilema comum a todo animal que é simultaneamente caça e caçador: abater ou ser abatido. Comer ou ser comido." (GOMES, Eugênio. *Espelho contra espelho*. São Paulo: Instituto Progresso, 1949. p. 101.)

<sup>24</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, demasiado humano*. (Coleção Os pensadores). São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 86-151.

<sup>25</sup> ASSIS, Machado de. "Quincas Borba", cit., p. 649.

necessidade de "levar a sua fome a outra parte"<sup>26</sup>. Como aforismo representativo da seleção natural, que orienta as ações humanas, é um lema às avessas ou uma representação ficticiamente real de uma realidade tornada falsa pelas proposições religiosas e filosóficas.

Novamente a ironia ou a duplicação de sentido, manifestada pelo *ethos* zombeteiro das palavras do filósofo, assinala a sedução paródica e permite a irrupção de textos no intertexto de Humanitas: "Quando voltar o costume da antropofagia, não há mais que trocar 'amai-vos uns aos outros', do Evangelho, por esta doutrina 'comei-vos uns aos outros'. Bem pensado, são os dois estribilhos da civilização".<sup>27</sup> Identificando a aplicação do segundo estribilho na malha social, Machado de Assis dá-lhe ênfase ao colocá-lo, ainda que modificado, na boca de Quincas Borba. O propagador de Humanitas está apto a declarar aquilo que a falsidade humana nega, porque se mantém à distância do banquete da vida e porque está dominado pela saciedade que a ilusão ou a loucura proporcionam.

Portanto, sobrepondo-se aos consolos metafísicos da religião cristã, sobrepondo-se à utopia social preconizada por Comte, Quincas Borba conjuga-se ao otimismo e, no além-limite da esperança, "no lugar onde se perturba e se obnubila o relacionamento entre o homem e a verdade",<sup>28</sup> ele proclama que "a dor, segundo o Humanitismo, é uma pura ilusão".<sup>29</sup>

Imerso no mundo em que mentiras inexistem, o louco-lúcido assume como própria a verdade ilusória da razão e nega a existência da dor, da qual a loucura é fuga concretizada. Destacada da grande sintagmática, a enunciação, contudo, deixa-se impregnar pela totalidade do texto e também o impregna. A situação de Quincas Borba, em sua contradição, é percebida como profundamente irônica: somente por estar desvaireado, ele é capaz de negar a existência da dor, realidade que sua condição de louco confirma. A proclamação de Quincas Borba enuncia-se, portanto, como antífrase,<sup>30</sup> pois há uma profunda oposição entre o que apregoa e o que quer fazer

---

<sup>26</sup> ASSIS, Machado de. "Memórias póstumas de Brás Cubas", cit., p. 629.

<sup>27</sup> ASSIS, Machado de. *A semana*. São Paulo: W. Jackson, 1955. p. 434.

<sup>28</sup> FOUCAULT, Michel. *História da loucura na época clássica*. São Paulo: Perspectiva, 1978. p. 242.

<sup>29</sup> ASSIS, Machado de. "Memórias póstumas de Brás Cubas", cit., p. 616.

<sup>30</sup> Emprega-se o termo "antífrase" ligando-o à ironia situacional do texto. Ambas, ironia e antífrase, estabelecem uma relação de antinomia ou de oposição semântica entre o sentido literal e o derivado, o que permite determinar a adequação. A antífrase é um recurso da ironia como tropo.

entender. Ao afirmar o caráter ilusório da dor, denuncia as "consolações racionais"<sup>31</sup> e místicas com que as teorias científicas e religiosas procuram anular ou postergar o problema fundamental do sofrimento, concebendo, com sua doutrina, uma filosofia a contrapelo.

A sistematização da doutrina de Humanitas, centrada na assimilação de discursos plurais e divergentes e enunciada pela palavra de um louco, traduz a lucidez com que Machado de Assis observa a aceitação e a propagação de idéias, responsáveis pelo lastro intelectual do século XIX, que, em nome da cientificidade, ignoram a natureza contraditória do homem e de seus dilemas.

Juracy Assmann Saraiva  
Centro Universitário Feevale

Juracy Assmann Sariava é professora e pesquisadora do Centro Univesitário Feevale. É autora de *O circuito das memórias em Machado de Assis*, cuja 2ª edição será lançada pela Edusp em 2008, organizadora de *Nos labirintos de Dom Casmurro* e co-organizadora de *Papeles sueltos*, antologia de contos de Machado de Assis, editada no Peru.

---

<sup>31</sup> BARRETO FILHO, José. *Introdução a Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Agir, 1980. p. 104.